

MEDALHA ANDREW CARNEGIE DE EXCELÊNCIA NA FICÇÃO

Os Apanhadores de Bagas

Amanda
Peters

TOP
SEL
LER

«Uma estreia luminosa e certa.»

THE NEW YORKER

Para o meu pai. Obrigada pelas histórias.

Wela'lin a'tukowin.

PRÓLOGO

Sento-me encostado à parede, em cima das almofadas espalmadas. A Mae bateu-as e deixou-as cheias, mas isso foi há horas. Seguro uma fotografia da Leah. Nesta fotografia é pequenina, antes de eu saber que ela existia. O sol começa a desvanecer-se do outro lado da janela, e sinto-me fascinado pelo modo como fui formado e moldado por mulheres, apesar de ter estado longe delas a maior parte da minha vida.

A dor nas pernas impede-me de me sentar junto da fogueira, aquela ao lado do tronco da árvore que, durante tanto tempo, considerei uma amiga. Estou farto desta cama, da medicação, do isolamento que acompanha a doença, de saber que as pessoas que amo, por mais que tentem, nunca compreenderão a minha solidão. Morrer é algo que tenho de fazer sozinho. A Leah, agora uma mulher adulta, visita-me algumas vezes por semana. A minha irmã Mae e o meu irmão mais velho, Ben, cuidam de mim apesar de eu não o merecer. A minha mãe reza.

— Joe? — A Mae abre uma nesga, o seu rosto emoldurado pela porta, de um lado, e pela parede, do outro.

— Estou acordado.

A porta abre-se completamente e a Mae entra. Há alegria nos seus olhos. Algo que não via em ninguém há muito tempo.

— Pareces feliz, Mae.

— É porque estou.

Tento sentar-me mais direito. Quero estar ali completamente para ela, mostrar-lhe que, se algo a faz feliz, me faz feliz também.

— Joe, temos aqui uma visita. E parece-me que temos alguma conversa para pôr em dia.

UM
JOE

No dia em que a Ruthie desapareceu, os mosquitos pareciam especialmente esfomeados. Os brancos na loja onde comprávamos os nossos mantimentos diziam que os índios eram tão bons apanhadores de bagas porque algo de amargo no nosso sangue mantinha os mosquitos à distância. Mesmo nessa altura, quando eu era um menino de 6 anos, sabia que não era verdade. Os mosquitos não discriminam. Mas agora, aqui deitado quase cinquenta anos depois, a ser comido por dentro por uma doença que nem sequer vejo, já não tenho muita certeza do que é verdade e do que não é. Talvez sejamos amargos.

Fosse qual fosse o sabor do nosso sangue, éramos picados na mesma. Mas a mãe sabia fazer parar a comichão à noite, para podermos dormir. Tirava a casca de um ramo de amieiro e mastigava-a até ficar numa papa que depois untava nas picadas.

— Fica quieto, Joe. Não te estejas a contorcer! — dizia a minha mãe ao aplicar a pasta espessa.

Os amieiros cresciam ao longo de toda a estreita fileira de árvores que delimitava a parte de trás dos campos. Eram campos que se estendiam interminavelmente, ou assim parecia na altura. O Sr. Ellis, o proprietário, seccionara a terra com grandes pedras, para sabermos mais facilmente onde tínhamos estado e para onde precisávamos de ir. Mas acabávamos sempre por chegar outra vez

às árvores. Ou às árvores ou à Route 9, uma estrada a desfazer-se, pejada de buracos do tamanho de melancias e tão profundos como o lago, uma linha negra de asfalto que se arrastava através dos campos que nos levavam ali ano após ano.

Mesmo nessa altura, em 1962, não havia muitas casas ao longo da Route 9, e as que havia já eram velhas, a tinta branca e cinzenta a descascar, os alpendres inclinados e a apodrecer, as ervas altas crescendo verdes e amarelas entre carros e frigoríficos abandonados, cuja ferrugem lascava e voava quando havia vento forte. A meio do verão, quando chegávamos da Nova Escócia, uma caravana de trabalhadores de pele escura, rindo e cantando, viajando através do seu mundo de vegetação desenfreada e ferrugem, os locais viravam-nos as costas, a nossa presença testemunhando o seu fracasso em prosperar. A única altura em que aquele lugar mostrava alguma alegria era no outono, quando o sol ao pôr-se tinha um brilho dourado e os campos refulgiam sob um glorioso céu de setembro.

Entre toda a ferrugem e decadência, erguia-se a casa do Sr. Ellis. Ficava na esquina onde a Route 9 se encontrava com a estrada de terra que levava ao outro lado do lago, o lado sem índios, onde os brancos nadavam e faziam piqueniques ao domingo, a pele empolando sob o sol fraco do Maine. Na nossa terra, anos depois e antes de eu partir novamente, lembrava aquela casa como se fosse uma imagem de um livro ou de uma revista, que víamos enquanto aguardávamos na paragem do autocarro ou na sala de espera do médico. Os áceres altos pendiam sob o caminho de acesso, e alguém plantara uma fila longa e direita de pinheiros entre a casa e a estrada de terra que conduzia aos campos, por isso não podíamos espreitá-la, por mais que tentássemos.

— Ben, porque é que eles se dão ao trabalho de ter uma casa se são só janelas? — perguntei ao meu irmão.

— As pessoas precisam de um telhado sobre as cabeças. Aqui fica tanto frio como na nossa terra.

— Mas tantas janelas! — maravilhei-me.

— As janelas são caras. É assim que mostram ao mundo que são ricos.

Assenti em concordância, embora não compreendesse totalmente.

A brancura daquela casa, pintada a cada dois verões, com o debrum vermelho e duas colunas emoldurando a porta da frente, era suficiente para que eu, que vivia numa casa minúscula com três quartos e cujo telhado pingava, a designasse como «a mansão». Anos mais tarde, quando voltei e o Sr. Ellis morrera há muito de um ataque de coração, tinha olhos renovados e percebi que não era mais do que uma casa de dois andares com uma janela de sacada.

Quando chegámos a meio de julho, naquele verão em que perdemos a Ruthie, os campos estavam densos de folhas verdes e minúsculas bagas silvestres. Ainda estávamos cheios de entusiasmo, as memórias do trabalho árduo e dos dias longos de anos anteriores quase esquecidas. O meu pai deixou-nos com os mantimentos de que precisávamos para as oito ou doze semanas seguintes e partiu no mesmo dia. A poeira seguiu-o enquanto voltava para a fronteira. Ia a New Brunswick buscar os mesmos apanhadores que vinham sempre. Aqueles em que podia confiar. O velho Gerald e a mulher, Julia, Hank e Bernard, os gémeos que trabalhavam arduamente e se mantinham reservados, a viúva Agnus e os seus seis filhos, todos grandes e fortes, e Frankie, o bêbedo. Um homem curioso, com medo de ursos e do escuro e que não era grande trabalhador.

O pai dizia sempre:

— A tua mãe diz que até as pessoas como o Frankie precisam de dinheiro e de um propósito na vida, ainda que só por oito semanas.

— Eu apanho mais do que ele, pai — disse eu, abanando a cabeça na direção do Frankie, que, distraidamente, metia uma baga na boca —, e ele come tanto como apanha.

— Existem pessoas, Joe, a quem damos um desconto. Sabes que ele quase se afogou quando era bebé, e não se desenvolveu

bem depois disso. O Frankie não tem nada de errado. Deus deve ter um plano para ele, por isso aceitamo-lo tal como é. Ele precisa disto todos os verões, tal como nós. Ele gosta de vir, sentar-se à volta da fogueira e ganhar uns trocos. Dá-lhe algo por que esperar.

— Pois, pai, mas... — comecei a dizer, chateado porque o Frankie era pago em dinheiro e eu, que apanhava mais do que ele, tudo o que recebia eram novas roupas para a escola em setembro.

— Não há cá «mas». Volta ao trabalho e sê gentil com o Frankie. Nunca sabes quando tu próprio precisarás da gentileza das pessoas.

Enquanto o pai estava fora, carregando a traseira da camioneta com os apanhadores adicionais, limpámos a cabana e montámos o acampamento sob o olhar vigilante e exigente da nossa mãe.

— Vocês, rapazes, arranquem as ervas que estão a crescer através do chão do alpendre. Limpem isto um bocadinho.

Cortámos as mãos a arrancar as ervas que se tinham atrevido a crescer na nossa ausência. Depois, apanhámos lenha seca para as fogueiras, uma para cozinhar, que estava quase sempre acesa, e outra para lavar a loiça e, ao fim de semana, a nossa roupa. A minha irmã Mae e as outras raparigas ajudaram a limpar a cabana, e algumas foram a casa do senhorio, como faziam todos os anos, para ajudar a mulher deste a limpar a casa de cima a baixo. Recebiam uma pequena quantia em dinheiro, que gastavam na feira do condado em ganchos de cabelo, *whisky* ilegal e pipocas.

Da nossa cabana não conseguíamos ver o lago, mas podíamos fazê-lo dos limites do campo, onde o velho Gerald e a Julia tinham a sua tenda. Tínhamos a sorte de ter uma cabana com telhado, porta e alguns velhos colchões para dormirmos. Só alguns de nós podiam ficar na cabana. Os outros, incluindo os meus dois irmãos mais velhos, o Ben e o Charlie, dormiam numa tenda, com as costas na terra dura e os casacos a servir de almofadas.

Quando todas as outras famílias chegavam, famílias de toda a Nova Escócia e algumas de New Brunswick, os rapazes ficavam barulhentos e inquietos. Não se viam desde a estação das

bagas do ano anterior e tinham muita conversa barulhenta para pôr em dia. Nesse verão, eu ainda não tinha idade para andar com os rapazes, por isso passei o tempo com a Ruthie, que ficava nervosa junto dos miúdos mais velhos. Durante o dia, quando eles estavam sérios e a trabalhar, ela lembrava-se deles e amava-os como todos nós. Mas à noite, quando cantavam em volta da fogueira, namoriscavam as raparigas e brincavam às lutas uns com os outros, ela retirava-se para a cabana e dormia com as costas apoiadas na parede do fundo, com a sua boneca feita de meias velhas debaixo do braço. A minha mãe dormia do outro lado dela, uma barreira para a proteger do barulho dos rapazes que esquecera.

Quando saímos de casa nesse verão e nos dirigimos a sul, éramos sete empilhados naquela velha camioneta. A mãe, o pai, o Ben, a Mae, o Charlie, a Ruthie e eu. O Ben e a Mae viviam habitualmente na escola índia, e, todos os verões antes desse, a mãe esperava que eles chegassem a casa, fingindo que não o fazia. E, quando eles chegavam, mal tinham possibilidade de sair do carro antes de a mãe estar em cima deles, agarrando um e depois o outro, tomando-lhes o rosto nas mãos e ficando ali só a olhar para eles, como se fossem feitos de ouro. Beijava-lhes as testas, repetindo os seus nomes vez após vez como a ave-maria. O pai dava palmadinhas nas costas do Ben e abraçava a Mae antes de nos meter no camião e se dirigir para a fronteira. O agente índio só nos deixava vê-los duas vezes por ano, no Natal e na época da apanha das bagas. «O trabalho árduo construirá o seu caráter, ajudá-los-á a tornarem-se cidadãos contribuintes *decentes*», leu o Ben certa vez numa carta cujos pedaços voltara a juntar depois de o pai a ter rasgado. O pai não gostava do Sr. Hughes, o gordo agente índio com pequenos furos roxos no nariz, e, depois de ter lido aquela carta, o Ben e a Mae não tiveram de voltar. Ficaram em casa connosco e iam à mesma escola que eu e o Charlie.

Agora, o Ben dorme numa cama de solteiro à minha frente. Passa a maior parte das noites acordado, com medo de que eu

solte o meu último suspiro durante o seu turno. Quando não está na cama, está a Mae, resmungando e ressonando. Agora somos só nós, a mãe, a Mae, o Ben e eu. Se o mundo dos espíritos existe, será bom ver as pessoas que perdi. Será bom dar-lhes um abraço e dizer-lhes que as amo, dizer-lhes que lamento. Tenho alguns pedidos de desculpa a fazer de ambos os lados da grande linha divisória. Se o céu não existir, acho que nunca o saberei, pelo que não me vou aborrecer com isso. Digo à mãe que duvido do céu, mas ela acredita que todas as pessoas que ama e que morreram estão sentadas à direita do Senhor.

Numa noite clara, em meados de agosto desse mesmo verão, estávamos todos sentados em volta da fogueira. O pai tinha acabado de guardar a sua rabeca, e estávamos todos cansados de dançar e cantar. Eu e a Ruthie estendemos uma manta e deitámo-nos. As nossas mãos apoiavam as cabeças enquanto víamos os vagalumes competirem com as estrelas por atenção. Os que tinham sorte e idade suficiente dirigiram-se para a montanha Allen para fazer a sua própria fogueira. A Mae contava-nos histórias acerca de rapazes e raparigas dançando e beijando-se, tentando convencer-nos de que ela se portava sempre muito bem e nunca fazia nada daquele género de coisas. Nem eu nem a Ruthie acreditávamos nela. A Mae nunca encontrou uma festa de que não gostasse, onde não pudesse causar alguma espécie de sarilho. Mas, junto da nossa fogueira, a conversa divagou para outros assuntos.

— Eles dizem que é bom, ajuda os miúdos a integrarem-se, a arranjar empregos. — A mulher idosa tinha as mãos como nós grossos, mas entrelaçava as compridas tiras de freixo, dando-lhes a forma de cesto, sem sequer baixar os olhos para ver o que fazia.

— Eu digo que são disparates. Ninguém tem o direito de arrebatar as nossas crianças assim, especialmente os brancos. Já viram como eles os criam, a fungar e a chorar o tempo todo. Não têm alegria, e agora estão a tentar roubar a nossa.

— Não me interpretem mal, adoro ter o Ben e a Mae de novo em casa, mas temos de elogiar a forma como lhes transmitem

os ensinamentos da Bíblia — disse a minha mãe, inclinando-se para o lume para ver melhor enquanto começava os pontos para um novo par de meias. — Nunca tive a certeza de que retirárem-nos o Ben e a Mae fosse a coisa acertada, mas o Lewis está tão certo disso como do nascer do sol.

A minha mãe, sem qualquer culpa própria, acabara por amar a igreja, as cerimónias elaboradas substituindo as que lhe tinham sido arrancadas do coração durante uma infância que raramente mencionava. A Ruthie tinha-se levantado e sussurrara ao meu ouvido que precisava de ir à casa banho, deixando uma marca quente na manta que partilhávamos. Nunca voltou à manta. A mãe foi procurá-la pouco depois e encontrou-a enrolada, dormindo na cabana.

Exatamente no dia seguinte, a Ruthie desapareceu.

O pai andava para cima e para baixo nas filas, verificando os nossos progressos, apontando arbustos que nos tinham escapado e trabalho mal feito. Ao fim de cada tarde, encontrava-se com os apanhadores e apontava quantos caixotes tinham colhido nesse dia. Alguns dos mais preguiçosos tentavam encher o fundo dos caixotes com folhas verdes e caules, dando a ideia de terem colhido mais do que era verdade. Mas o pai nunca caía nisso, independentemente de quantas vezes tentavam. Os apanhadores eram pagos ao caixote. O Sr. Ellis caminhava ao longo de uma das cordas compridas que separavam as filas quando a Ruthie chegou junto do pai, vinda da outra direção, carregando um pequeno balde de água. A Ruthie, os seus braços pequeninos tremendo sob o peso, levantou o seu baldinho de plástico azul com uma asa branca, do género que usávamos para construir castelos de areia nas tardes de domingo.

— *Wela'lin ntus*. — O pai agradeceu-lhe, pegando na água e bebendo-a.

— Esta é das caladas, Lewis. — O Sr. Ellis pousou a mão suada no cimo da cabeça dela e massajou num movimento circular, fazendo um som de *tsk-tsk* com a sua língua grossa, como se

a Ruthie fosse néscia, ou algo assim. Ela ficou quieta e deixou-o, a barriga dele descaindo sobre o cinto, os *jeans* sujos de gordura e terra. — É mais simples do que os teus outros, Lewis. Isso pode acabar por ser bom para ela, mas acho que falarem com ela como se fosse um bebé não a ajuda nada.

O pai deu um gole e entregou o balde à Ruthie antes de colocar a mão nas suas costas e a virar para mim e para o Ben para a afastar do Sr. Ellis. A água agitou-se quando a Ruthie veio ter comigo. O Ben estava a estender a mão para o balde quando eu o arrebatei e despejei o resto da água por cima da minha cabeça. Tossi e engasguei-me quando alguma me entrou na boca e a engoli sem querer. A Ruthie agachou-se e massajou-me as costas, como vira a mãe fazer um milhar de vezes.

Por volta do meio-dia, o pai e o seu camião azul arrastaram-se pelo extremo do campo, recolhendo os trabalhadores com os ancinhos, famintos do seu almoço. De volta ao campo principal mais próximo do acampamento, a mãe distribuiu sandes de mortadela. O pão estava seco e colou-se-me ao céu da boca. Por vezes tínhamos *ketchup* ou mostarda, mas quase sempre era só o pão e a mortadela. Quando a mãe não estava a olhar, tirei a mortadela e atirei o pão aos corvos. Ela teria arranjado uma boa chibata se me tivesse visto fazer uma coisa daquelas. A mãe não tinha tolerância para o desperdício, com sete bocas suas para alimentar, além do acampamento.

Nesse dia, eu e a Ruthie sentámo-nos no extremo do campo, na nossa pedra. Gostávamos de ficar ali sentados enquanto os rapazes deambulavam nos seus poucos minutos de liberdade, escapulindo-se para o lago, para umas braçadas rápidas ou um beijo a uma das raparigas. A Mae já começara os preparativos para o jantar, normalmente carne e batatas cozinhadas no exterior, quando o sol se punha. Mas alimentávamos o acampamento inteiro, por isso era demorado descascar aquelas batatas todas. A Mae estava sempre a queixar-se e, por vezes, fugia. Apanhava uma boleia para Bangor sem ao menos pensar na preocupação

do pai ou na fúria da mãe. Aparecia quando já escurecera e, em segredo, dava-nos doces, a mim e à Ruthie. Nunca lhe perguntámos onde é que os arranjava — não nos importava. O sabor do açúcar e aquele pó cítrico que os revestia era excitante. Os doces colavam-se-nos aos dentes. A mãe gritava um bocado e a Mae ficava sentada a ouvir. Portava-se bem e era prestável por mais um par de semanas antes de voltar a fugir. Nessa altura, a Mae era imprevisível.

Mais ninguém se lembrava de ter visto a Ruthie nesse dia depois de eu ter lançado o meu pão aos corvos e ter encostado o indicador aos lábios.

— Não contes à mãe, Ruthie.

— Nunca conto nada de ti, Joe. — A voz dela era doce, e tinha aquela expressão no rosto. Silenciosa e pensativa. É curioso do que nos lembramos quando algo corre mal. Algo que nunca nos ficaria na memória num dia normal, fica ali preso para sempre. Lembro-me de que a Ruthie usava um vestido de verão que já tinha sido das raparigas mais velhas. Quando chegou à Ruthie, estava fino e remendado, demasiado grande para o seu corpo franzino. O azul original tinha um padrão de retalhos vermelhos e verdes e até um pedaço de bombazina castanha das minhas calças de trabalho do ano anterior, mesmo debaixo do braço. E lembro-me do rosto dela, o rosto da minha mãe — uma semelhança inquietante, tão idênticas que toda a gente notava — enquanto a Ruthie desviava o olhar e o pousava num corvo que descia a pique para arrebatat o pão que eu deitara fora.

Corri para atirar pedras para dentro do lago, como fazia a maior parte dos dias depois de acabar a minha sandes e ter de voltar para a minha fila. Nunca imaginei que ela se fosse embora. Quando acabava de comer, ela ficava sempre ali sentada a ver as aves, aguardando que a mãe ou a Mae fossem buscá-la. Quando o pai passou por ali com o camião cheio de apanhadores que voltavam ao campo, nem notou que ela desaparecera. Só quando a mãe foi à rocha procurá-la depois de ela não ter voltado para

ajudar a Mae é que se pensou que algo podia estar errado. A mãe gritou por ela, pensando que apenas tentava escapar-se a ajudar, apesar de não ser nada o género dela.

— Ruthie! Ruthie! Vá lá, rapariga, aparece! — A mãe caminhava ao logo do extremo do arvoredado quando o pai apareceu com a camioneta já vazia. Abrandou, seguindo a mãe, aos solavancos pela estrada de terra.

— Que se passa?

— Não sei da Ruthie. Chego-lhe a roupa ao pelo quando a encontrar, por me arreliar tanto.

O pai sorriu, fechou a janela do lado do passageiro por causa da poeira e dos mosquitos e continuou a descer a estrada, deixando a mãe a gritar pela Ruthie.

O pai estava a cortar corda para dividir um campo novo quando a mãe voltou ao acampamento sem a filha mais nova.

Nos campos, ficámos surpreendidos ao ver novamente a camioneta do pai a descer o caminho de terra, poeira e pedras voando pelo ar. O pai parou e gritou a todos que voltassem para a camioneta. Eu, o Ben e o Charlie olhámos para o Sol, confirmando que ainda não estava na hora de abandonar o trabalho, antes de largarmos o equipamento e subirmos para a parte de trás da camioneta com os outros. Quando chegámos ao acampamento, a mãe estava sentada numa das cadeiras de plástico, com a cabeça nas mãos e a Mae a abraçá-la.

— Agora, escutem todos. A Ruthie parece ter desaparecido — disse o pai. Todos virámos as cabeças ao mesmo tempo, olhando para as árvores e para o caminho que levava ao lago, como se o facto de olharmos todos ao mesmo tempo pudesse fazê-la aparecer. — Quero que se dividam em pares e comecem a procurar no arvoredado.

A Mae foi com o Charlie e eu segui o Ben para o bosque, os arbustos arranhando-me as pernas e a cara. Até ao dia em que morrer, e já não está muito longe, recordarei o som de todas aquelas vozes a gritar o nome da Ruthie. Todos procurámos através

do bosque e junto do lago, nas margens onde a água encontra a terra, pelo sim, pelo não. Tentávamos ouvir os gritos efusivos de alguém que finalmente a encontrasse, mas nunca vieram. À medida que o sol descia e os gritos continuavam, comecei a sentir-me enjoado desde o cimo da cabeça até à planta dos pés. Os gritos ecoavam na minha barriga enquanto o céu escurecia. O Ben parou quando tive de me sentar na terra húmida entre as árvores para estabilizar a respiração.

— Vá lá, Joe, levanta-te. Isto não é altura para descansar. A Ruthie deve estar assustada. — O Ben pegou-me no braço para me levantar, mas as minhas pernas cederam e caí com força. — Joe, não sejas bebé. Vá lá.

Desatei a chorar antes de torcer o corpo para longe dele e vomitar sobre uma extensão de musgo.

— Caramba! Anda, vou levar-te novamente para o acampamento. — O Ben levantou-me e virou-me para me carregar às costas, como se eu fosse leve como uma pena. Enrolei os braços no pescoço dele e pousei a cabeça no seu ombro. — Agora, não vomites em cima de mim, ou deixo-te aqui no meio do nada.

Assenti debilmente com a cabeça, o meu queixo batendo de encontro aos ossos do seu ombro.

Quando voltámos, a mãe ainda estava na cadeira de plástico, fitando a fogueira. Estava quase na hora do jantar, mas não havia sinais de comida. A Mae tirou-me das costas do Ben e pôs-me num velho cobertor no chão, com a cabeça aos pés da mãe. Nem sequer me chamou mariquinhas quando o Ben lhe contou como o meu estômago me traíra no bosque.

— Não te preocupes, Joe — disse a mãe. — Ela só deve ter deambulado para demasiado longe. Alguém a encontrará. Não te preocupes. — Estendeu o braço e passou as mãos fortes pelo meu cabelo.

Era aquela hora do dia em que o sol começa a arranjar espaço para a noite e tudo parece fantasmagórico. O pai chegou ao acampamento, mas não tive a certeza se era real ou não até ele falar.

— Vou à cidade buscar a polícia. Será bom ter mais pessoas para ajudar, e eles podem ter mais luzes do que nós. E ela é só uma menina. — Como se a idade dela fizesse diferença. O pai deu meia-volta, entrou no caminhão e arrancou.

— Ele ainda tem fé que eles se importem — disse a mãe enquanto víamos os faróis traseiros desaparecerem na escuridão melancólica do crepúsculo. Meia hora depois, estava de volta, um único agente num único carro da polícia seguindo o velho caminhão. O agente, mais baixo do que o pai mas igualmente magro, ficou sentado no carro o que pareceu uma eternidade. Todos o observámos enquanto permanecia sentado, tomando notas no seu bloco. Ocasionalmente levantava os olhos e observava-nos, reunidos junto da fogueira. Estava demasiado longe e estava demasiado escuro para o ver claramente antes de ele sair. O pai apontou para mim, ainda deitado aos pés da minha mãe. O agente aproximou-se e acorrou-se para falar comigo.

— Viste alguma coisa estranha por aqui esta tarde, pequenote? — Abanei a cabeça negativamente. — Viste a tua irmã ir para os bosques? Descer para o lago? — Mais uma vez, abanei a cabeça negativamente. O hálito dele era azedo como cebolas e couves misturadas e deixadas ao sol quente demasiado tempo. Ele levantou-se e endireitou as calças antes de fazer as mesmas perguntas à minha mãe e à Mae. Olhou para as pessoas reunidas em volta da fogueira, mal ouvindo o que lhe diziam, e a Mae estava a ficar irritada.

— Vai só fazer as mesmas perguntas estúpidas ou vai ajudar-nos a encontrá-la? — disse ela.

A mãe pegou no braço da Mae para a acalmar. O polícia nem sequer se virou na direção dela. Lembro-me claramente de como a luz da lareira deixava metade dele na sombra, como um vilão num dos livros de banda desenhada que eu admirava, mas nunca podia comprar.

Ele bateu no bloco com o lápis.

— Bem, não posso fazer muito mais do que o que já foi feito. Avisem-nos quando a encontrarem. Vou guardar as minhas notas, pelo sim, pelo não.

— Não nos vai ajudar? — disse o pai.

— Desculpe lá... — baixou os olhos para o bloco de papel — ... Lewis. Tenho a certeza de que a vão encontrar. Além disso, não há muito que possamos fazer. Ela não desapareceu há tempo suficiente, e vocês não são mesmo cidadãos do Maine, estão de passagem. Compreende. — Fez uma pausa, esperando que o pai concordasse. O pai cruzou os braços diante do peito, à espera. — E somos só três agentes, e tivemos um assalto ao armazém da quinta há umas duas semanas, por isso...

Voltou para o seu carro e estava a começar a entrar quando o pai o segurou pelo colarinho. O chapéu do polícia caiu-lhe da cabeça e ressaltou na porta do carro, caindo aos pés do pai.

— Ela é uma criança — disse o pai baixinho.

O polícia recuperou o equilíbrio e ficou entre o carro e a porta, as mãos do pai ainda a segurar-lhe o colarinho.

— Sugiro que tire as mãos de cima de mim. Há aqui mais pessoas para a procurarem do que as que posso trazer. Agora, largue-me.

O pai soltou-o e o polícia ajeitou a roupa. Dobrou-se para pegar no chapéu e bateu com ele na porta do carro, para sacudir a poeira.

— Se estavam tão preocupados com a menina, acho que deviam ter tido mais cuidado com ela. Agora, recue. Já lhe disse que guardava as notas para o caso de ouvirmos alguma coisa. Esteja à vontade para me avisar quando a encontrarem. — Arrastou-se para dentro do carro, com o cuidado de não tirar os olhos do pai. O pai era alto e magro como um salgueiro, mas, quando estava zangado, podia ser assustador. O carro recuou para um espaço vazio entre as árvores, virou e desceu o caminho de terra de volta à Route 9. O pai pegou numa pedra grande e arremessou-a, partindo-lhe um farol traseiro. O carro parou

apenas por um segundo antes de continuar a andar, a única luz que restava desaparecendo completamente.

— Sabias que eles nunca nos ajudariam, Lewis. Depositas demasiada fé nessas pessoas. — A mãe voltou a sentar-se, recostou-se e fitou as estrelas enquanto começava a chorar.

Ninguém dormiu naquela noite. Mandaram-me para a cama sozinho, deitado ao lado de um espaço onde a Ruthie devia estar. A luz da lareira infiltrava-se pelas finas fendas que separavam as tábuas de pinho das paredes exteriores. Os sons sussurrados dos adultos a conversarem chegavam até mim, mas não distinguia nada do que diziam. Fechei os olhos com tanta força que apareceram estrelas. Quando começaram a desvanecer-se, desenehei uma imagem do rosto da Ruthie na parte de trás das minhas pálpebras.

Dois dias depois de a Ruthie desaparecer, o Sr. Ellis passou por ali. Ele não tinha estado presente, mas estávamos demasiado ocupados para reparar. Já sabia da Ruthie. Neste momento, todos os acampamentos ao longo da Route 9 sabiam. Mas, no terceiro dia de caixotes de bagas vazios, ele parou ali o camião, saiu e acenou ao pai, fingindo não ouvir os que a procuravam ainda a chamar o seu nome.

— Isso não é um problema meu, Lewis. Não é mesmo um problema meu. Sabes qual é o meu problema? Preciso daquelas bagas apanhadas. — O Sr. Ellis apontou para os campos, vazios de apanhadores. — E se vocês não voltarem ao trabalho, há montes de outros índios por aí mais que dispostos a trabalharem esses campos.

A sua saliva acertou na cara do pai e por um minuto todos petrificaram, para ver se o pai ia deitá-lo ao chão, mas ele não o fez. O pai parecia já não ter luta dentro de si.

— Muito bem, voltem ao trabalho — gritou o Sr. Ellis enquanto voltava para a cabina da camioneta. — Lamento pela menina desaparecida — disse pela janela, dirigindo-se à mãe, enquanto arrancava.

Procurámos a Ruthie durante mais dois dias, fazendo turnos para apanhar as bagas nos campos. O Sr. Ellis passava por ali todas as manhãs às 10h30, por isso tínhamos muita gente a apanhar nessa altura. Ele acenava e ia-se embora. Mas, desde que o sol nascia até se esconder atrás das árvores levando consigo a esperança, procurávamo-la, apenas tirando tempo para forrar as caixas de bagas com relva e ramos antes de o sol se pôr.

Gritámos tanto o nome da Ruthie que as árvores o sabiam de cor. Subimos e descemos a Route 9, através dos campos e ao longo do lago, mas não encontrámos um único vestígio dela. Não estava nas florestas pouco densas ao longo da parte de trás dos campos de bagas e não estava em nenhum dos armazéns ou frigoríficos enferrujados da meia dúzia de casas vizinhas.

Após quatro dias sem sinal da Ruthie, o temperamento da mãe estava a ficar mais imprevisível. Só saía da sua cadeira para ir à casa de banho ou sentar-se na pedra da Ruthie. A Mae dava com ela sentada ao lado da pedra, chorando copiosamente porque via a pegada minúscula da Ruthie na terra. A Mae olhava para a terra de todos os ângulos que conseguia, mas não havia pegada. A Mae não conseguiu que a mãe se movesse até o tempo mudar e a chuva levar a pegada invisível até à vala no fim da estrada de terra. Ao longo de todo o caminho de volta à cabana, a Mae com a mãe debaixo do braço, ela chorou e amaldiçoou Deus na língua antiga que ela e o pai conheciam, mas nós não.

O pai pagou a um dos outros apanhadores para levar a mãe e a Mae de volta à Nova Escócia. A mãe chorou e soluçou por horas antes de partirem. Foi perturbador ver a minha mãe chorar assim. A mãe nunca chorava. Ficámos a ver enquanto a velha carrinha *Crosley* de 1952 se arrastava pela estrada de terra, a ferrugem a tomar para o chão sempre que passava por uma poça de lama seca. Acenei, enquanto a mão gretada do meu pai repousava no meu ombro.

Depois de a mãe partir, as outras mulheres do acampamento reuniram-se todas, abanando as cabeças, falando em tons sussurrados sobre a pior coisa que podia acontecer a uma mulher.

— É terrível perder um filho. Eu perdi três antes de nascerem e um pequenino para a febre, já lá vão quarenta anos. É uma coisa que uma mulher nunca ultrapassa. — A velha abanou a cabeça e dobrou-se sobre a sua costura, tentando apanhar o máximo de luz da fogueira.

— É especialmente uma tão quieta e doce como a Ruthie.

— Esperemos que não a afete muito duramente. Ela tem outros quatro que precisam de uma mãe.

Fiquei sentado a ouvir, pensando que a mãe estaria melhor se tivesse sido eu e não a Ruthie a desaparecer. Ela tinha três rapazes e só duas raparigas. Eu era o rapaz mais novo e podia ser dispensado. Pelo menos, foi o que disse a mim mesmo nessa noite, a luz da fogueira projetando sombras tristes no chão. Era uma simples questão de matemática.

Procurámos a Ruthie seis semanas seguidas, até ser altura de voltar para casa, depois de os campos de bagas estarem vazios e termos arrancado as batatas do chão. Desmontámos o acampamento, levando os proprietários da carrinha connosco na traseira do camião. Ninguém falou dela, mas quando passámos pela pequena pedra onde a vi pela última vez, com uma sandes na mão, soube que estávamos a deixar a Ruthie para trás.

DOIS

NORMA

Quando era pequena, talvez 4 ou 5 anos, costumava ter estes sonhos. Um era cheio de luz e o outro era escuro. Só quando cheguei aos 50 e a mãe começou a perder o juízo é que percebi que eram o mesmo. No primeiro, eu estava no banco traseiro de um carro e a luz do sol irrompia pelas árvores que ladeavam a estrada. A luz refletia-se na janela do carro e eu semicerrava os olhos. Erguia o rosto para o sol e a sensação era quente e boa. O meu cabelo, normalmente numa trança apertada que me descia pelas costas para evitar as carraças, fazia-me cócegas no nariz. Eu estava sempre a afastá-lo com as minhas minúsculas mãos, com terra incrustada debaixo das unhas. Não sei porquê, um sapato estava no meu pé e o outro estava no chão diante de mim. O carro movia-se velozmente e cheirava a sabonete e a couro novo. Não havia ar condicionado, por isso as minhas magras pernas morenas colavam-se ao assento e o suor formava pequenas ovas húmidas onde as minhas coxas encontravam o couro. Ergui o meu vestido esfarrapado e tentei metê-lo por baixo das pernas. A mãe ficaria zangada se eu suasse no carro de outra pessoa. Pestanejava para afastar as estrelas que vinham por ter olhado o sol demasiado tempo, enquanto ela me falava do banco da frente. Virava-me para ver o rosto de uma mulher que não era a minha mãe, mas que tinha o rosto da minha mãe. E então acordava.

No sonho escuro, o céu estava negro, à exceção da auréola azul em volta da Lua. Refração da luz, aprenderia mais tarde. A Lua era brilhante, e o halo era tão azul que os meus olhos não podiam fixar-se em nenhuma estrela. Tudo em volta era atraído para a luz. Havia algumas nuvens débeis, mas não ia chover. Não sei como sabia isto, mas sabia. «Estas não são nuvens de chuva», dizia-me uma voz familiar. Via uma fogueira a arder não muito longe de onde os meus pés estavam plantados no chão. A relva estava fresca e molhada da noite. A Lua trazia arrepios de frio e pés húmidos. As pessoas estavam reunidas em redor de uma fogueira e uma mulher virava-se para mim, acenava com a cabeça e voltava a virar-se para as chamas, ficando na sombra. Eu precisava de fazer chichi.

Ouvia as corujas chamando-se umas às outras e o longínquo uivo de um coiote, mas não me assustavam. Agora assustam, quando estou no exterior da cabana que eu e o Mark alugámos quando éramos casados. Quando estou sozinha e os coiotes começam a uivar, preciso de toda a coragem que tenho para não me meter no carro e voltar para Boston. A única coisa que, por vezes, me mantém dentro de casa é a ideia de um coiote poder apanhar-me na corrida louca até ao carro. A idade traz toda a espécie de medos. Mas, nesse sonho de infância, as criaturas da noite não me assustavam.

No sonho eu estava de pé, confundindo-me com a noite. Ouvia um riso e sabia que era do meu irmão, o que é estranho, porque sou filha única. Tremia, e a senhora junto da fogueira virava-se novamente. Estava a procurar-me, fazendo gestos, chamando-me para o círculo de pessoas. Não sei porque é que ela permanecia escondida no escuro. Sei como era o seu cheiro e o som da sua voz. Sinto as suas mãos, gastas por anos de maternidade, confortar-me numa trovoada. O rosto dela era um mistério, e assim permaneceu até algumas semanas atrás. Foi sempre uma silhueta sem cor nos olhos, sem rosado nos lábios e sem pés de galinha marcando a passagem do tempo. Só existia na noite.

Sempre que eu acordava, chorava pela mulher envolta em escuridão e tentava chamá-la. Conhecia-a, mas quando tentava dizer o seu nome, a minha língua ficava colada ao fundo da boca e a minha mente esquecia. Sentia a vibração na minha garganta, mas nenhum som saía. Estava tão cheia de tristeza que as lágrimas começavam ainda antes de eu abrir os olhos.

Por vezes, a tristeza manifestava-se como medo. Não recordo todas as circunstâncias, mas lembro-me de compreender — não apenas pensar, mas compreender verdadeiramente — que a minha casa não era a minha casa. Nada estava onde devia estar. Ninguém era quem devia ser.

— Mudámo-nos, querida. Estás só a lembrar-te da casa antiga. É só isso. — Ela conseguia sempre fazer-me sentir tola por dizer aquelas coisas. Tola quando era pequena, mas cada vez mais culpada enquanto crescia.

E quando eu queria falar acerca da mulher, quando começava a recordar o seu rosto, as suas feições, a textura do seu cabelo, havia outra explicação razoável.

— Fui cuidar da tua tia June por algumas semanas, lembraste? Depois da operação dela. — Uma operação que nunca me foi realmente explicada e que, vim a saber mais tarde, era totalmente inventada. — Estás confusa. Estás a pensar na prima do teu pai que veio tomar conta de ti.

Acho que sempre soube que algo estava errado. Mas, quando era jovem, entendia que era eu. Depois esquecia-me rapidamente porquê. E os sonhos persistiam.

Tentei falar com o pai acerca dos meus sonhos, e, embora ele tivesse sempre uma explicação perfeitamente razoável, nunca consegui abandonar o sonho. Não podia dobrá-lo e guardá-lo no fundo de uma gaveta para ser esquecido.

— Norma, querida. — Suspirou. — Provavelmente é uma das visitas que vinham à nossa igreja no verão. Alguém que foi gentil contigo uma vez. — Ele roía os dedos quando falávamos disto, arrancando pedacinhos de pele dos cantos da unha do polegar.

Por vezes, punha o polegar na boca para parar o sangue. Quando lhe falava dos meus sonhos, andava com pensos nos polegares durante a semana seguinte.

— Os sonhos muitas vezes não fazem sentido, Norma. Uma vez, num sonho, eu era um cavalo-marinho. Isso não quer dizer que o seja — disse-me o pai quando comecei a descrever a mulher junto da fogueira.

— Mas ela é tão real — disse-lhe. Naqueles primeiros minutos depois de acordar, era tudo tão claro para mim. Sentia o cheiro da fogueira e das batatas a cozer. Lamentava a cada respiração que os cheiros se desvanecessem. E depois chorava, não apenas dos cantos dos olhos, mas do fundo do tronco, do mais fundo da barriga.

Quando o choro sonoro começava, a mãe corria para o meu quarto, parando para acender o candeeiro de cerâmica, que era uma pequena arca de Noé com elefantes e patos alinhados em pares. O estalido do fio que acendia o pequeno candeeiro bíblico era a minha primeira memória real, além do sonho. E via a lâmpada projetar luz através da pequena cama coberta de animais de peluche e uma colcha feita à mão em tons de rosa, com folhos de renda ao longo do fundo. Até hoje, a luz de um candeeiro, quando é a única fonte de iluminação, pode levar-me de volta a esse quarto, ao cheiro de suor e urina ensopando os meus lençóis de algodão, rosa-rebuçado. Ainda tenho esse candeeiro algures na arrecadação, ou talvez esteja na cabana. A colcha desapareceu há muito.

— É só um sonho, meu doce, apenas um sonho. A mãe está aqui agora. Calma, Norma, é só um sonho, nada mais que um sonho. É um sonho. Nada mais do que um sonho tolo. Só um sonho. — A voz dela era mais suave à noite do que durante o dia. Apertava-me com força enquanto me embalava para a frente e para trás, cantando baixinho hinos de domingo. O relógio na parede tique-taqueava até o pequeno pássaro de madeira espreitar para cantar três vezes, e a mãe continuava a embalar-me. Permanecia até as

minhas lágrimas secarem e as sombras descerem pela parede e desaparecerem no cinzento da manhã. Por vezes, quando o choro não parava imediatamente, ela fazia uma pequena cama no chão usando as almofadas suplentes que estavam no armário ao fundo do corredor. Algumas vezes aquecia leite com uma gota de baunilha e deixava-me bebê-lo por uma chávena pintada com flores azuis — em que eu não podia mexer durante o dia. Com o leite ainda espesso na boca, eu voltava a adormecer, com a minha mãe enrolada ao meu lado. Adorava a sensação do seu braço estendido sobre mim, a sua mão segurando a minha até ficar mole com o sono. Quando eu acordava de manhã, ela já não estava lá, tendo voltado à cama que partilhava com o pai, mas o seu cheiro permanecia na almofada ao meu lado. A minha primeira infância foi definida por cheiros. Fogueiras e batatas a cozer à noite, e sabonete *Ivory* e *whisky* que ela julgava que eu desconhecia de manhã.

— Se calhar devíamos levá-la para falar com alguém? Talvez um padre? — A mãe falava em tons sussurrados, os lábios mal mexendo, como se carregasse um segredo na língua e temesse que, se falasse demasiado alto, este voasse para fora. Desta vez, o sonho escuro fora intensamente vivo. O escuro era mais negro, a lua mais brilhante, mas as vozes mais longínquas. Isto assustou-me. E percebi, pelas olheiras negras sob os seus olhos e pela forma como esfregava a loiça já limpa, que também assustara a minha mãe. Olhava-me por trás da bancada e vigiava se eu estava a ouvir.

Nos dias a seguir aos meus sonhos, não me permitiam ficar sozinha. Assim, sentava-me no chão da sala, inclinando a cabeça e esforçando-me por ouvi-los. Sentava-me onde conseguisse vê-los melhor e, quando a mãe me via, baixava a voz. Eu tinha uma pilha de livros infantis e o bebé chorão à minha frente. Tinha 9 anos. Era demasiado crescida para este boneco, mas a mãe sentia-se melhor quando o tinha comigo. Quando me observava, eu segurava-o nos braços, vestia-o e despia-o, e fingia que o alimentava. Penteava-lhe o cabelo de *nylon* amarelo e fazia-lhe tranças.

Depois sussurrava coisas maternas para as suas minúsculas orelhas de plástico. Mas, quando a mãe não estava a olhar, punha-o de lado e procurava os livros, um *puzzle* ou algo mais interessante para uma rapariga de 9 anos. Quando não tinha o boneco, a mãe encontrava-o sempre, sentava-o ao meu lado e observava até eu lhe pegar e o embalar.

— É uma criança, Lenore. Tem pesadelos. Ela vai ficar bem. Não precisamos de um padre. Ela vai ultrapassar. Vai esquecer, prometo. — O pai bebeu o seu café e voltou ao jornal. Era um sábado de manhã e ele estava vestido como se fosse para o tribunal, o seu cabelo a embranquecer escovado para trás com brilhantina e o bigode bem penteado. Usava uma camisa branca e gravata, para o caso de ter de ir a qualquer lado. Tirava a gravata no verão quando cortava a relva e no inverno quando varria a neve da entrada. A mãe dizia que as pessoas confiavam que os juízes tomariam as decisões certas desde que estivessem aprumados e limpos. A limpeza era a resposta da mãe para a maior parte dos problemas.

— É mais do que um sonho. E sabes o que quero dizer. Não finjas que não sabes.

Ele olhou-me através da ombreira que separava a sala de estar da cozinha. Virei-me rapidamente e fingi não os ver a falarem de mim. Ele voltou ao seu jornal e a mãe disparou para fora da cozinha, o mais disparada que podia sair com os tacões grossos que usava, mesmo em casa. Arranjou outra divisão e outra qualquer tarefa desnecessária ao acaso.

Quando eu era muito mais velha e os sonhos eram uma memória desvanecida, a mãe engendrou uma teoria nova, que manteve até a doença começar a consumir-lhe o cérebro. Disse que os sonhos não eram mais do que o resultado de demasiado açúcar antes de ir para a cama. O que era estranho, visto o açúcar ser rigorosamente racionado em nossa casa, devido à preocupação com os meus dentes. Lancei-lhe o mesmo olhar chateado que o meu pai, e ela virou as costas para voltar a dobrar os panos

da loiça em cima da bancada ou voltar a encher o saleiro que já estava cheio. Mas, finalmente, eu deixei de falar acerca dos sonhos. Tive de deixar. Não deixei de os ter, apenas de falar acerca deles, pelo menos à mãe. Da última vez que mencionei o carro ou a mãe no meu sonho, ela partiu um pesado copo de vidro. Atirou com ele contra a bancada com tanta força que este se partiu em três, cortando-lhe a parte mole da palma da mão mesmo abaixo do polegar. Cinco pontos. Foi a última vez. Senti o peso da culpa pesadamente sentada nos meus ombros, e, sempre que a sensação começava a desvanecer-se, ela pressentia, virava a mão para mim e mostrava-me a cicatriz.

Se a minha mãe fazia algo excepcionalmente bem, era a culpa. A culpa e a limpeza que a acompanhava. Eu sonhava e ela limpava, e, quando ela limpava, eu sentia-me pesada. Enquanto o pai estava no trabalho e eu estava na escola, ela ocupava-se com tarefas, as mesmas tarefas que tinha realizado no dia anterior e no dia antes desse. «Só para o caso de aparecer alguém de repente», dizia ela. Mas não me lembro de ninguém, tirando a irmã dela, a minha tia June, ter vindo visitar-nos. Contudo, o pó nem tinha tempo de assentar antes de ela o apanhar com panos ou o aspirador. E, nas raras ocasiões em que a Obra das Senhoras da igreja vinha pedir donativos, a mãe recebia-as à porta, enquanto elas esticavam a cabeça para ver lá para dentro. Ela tinha o porta-moedas à mão e um tabuleiro de queques pronto para a quermesse. As mulheres nunca passavam da porta da frente. Tentavam, mas nenhuma conseguiu. Anos mais tarde, soube das histórias que as pessoas contavam sobre a minha casa — pilhas de jornais mais altas do que o meu pai, e um parente morto e mumificado na cave. A última, no entanto, creio que a ouvi na escola primária, de um rapaz de sardas chamado Randall, que cheirava mal e de que ninguém gostava. Só no sétimo ano soube que a minha mãe era conhecida na cidadezinha como a peculiar mulher do juiz de Maple Street. E eu, por associação, era a filha peculiar.

MELHOR LIVRO DO ANO
AMAZON, APPLE, BARNES & NOBLE
BOOKLIST, THE NEW YORKER, PEOPLE

Julho de 1962. Uma família mi'kmaw da Nova Escócia chega ao Maine para apanhar mirtilos durante o verão. Semanas mais tarde, Ruthie, de 4 anos, filha mais nova da família, desaparece. É vista pela última vez na companhia do irmão, Joe, de 6 anos, sentada na sua pedra favorita no limiar do campo de mirtilos. Joe nunca será capaz de ultrapassar o desaparecimento da irmã.

Norma, filha única de uma família abastada, cresce no Maine. O seu pai é uma figura fria e distante; a mãe, exasperantemente superprotetora. Norma tem sonhos recorrentes e visões perturbadoras, as quais se assemelham mais a memórias do que a imaginação, e, à medida que cresce, apercebe-se de que há algo que os pais não lhe estão a contar. Decidida a não desistir da sua intuição, passará décadas a tentar desvendar esse segredo de família.

Estreia extraordinária de uma nova voz na ficção, *Os Apanhadores de Bagas* é um romance mordaz sobre a busca pela verdade, a sombra do trauma e a persistência do amor.

«Uma história pungente sobre a separação de uma família indígena... Peters assume a tarefa monumental de dar voz a quem suportou as tentativas racistas de eliminação, tal como aconteceu aos seus antepassados mi'kmaw.»

The New York Times Book Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832712



9 789895 832712 >